

DOMINGO SANGRENTO

Combates continuam em Israel e mortos dos dois lados sobem a 1.100, com pesados ataques a Gaza



Retaliação. Missil explode em prédio na Cidade de Gaza em um bombardeio aéreo israelense em resposta aos ataques terroristas do Hamas a Israel no sábado; mais de 400 palestinos já morreram

OMAR DE GAZA E JERUSALÉM

Mais de 40 horas após ataques terroristas do Hamas que deixaram ao menos 700 mortos e 2.200 feridos em dezenas de cidades e vilarejos no sul e no centro de Israel, no sábado, forças israelenses ainda enfrentavam combatentes do grupo extremista armado palestino em ao menos sete localidades e uma base militar ontem, enquanto bombardeavam incessantemente a Faixa de Gaza, onde mais de 800 alvos foram destruídos, segundo autoridades do país. Após um dia caótico em que Israel foi apanhado de surpresa no maior ataque em meio século, ficou mais clara ontem a dimensão do drama vivido no país, onde cerca de 130 pessoas foram feitas reféns e levadas para Gaza. No território palestino, a pesada retaliação israelense também já deixou mais de 400 mortos e 2.300 feridos — ao todo, o conflito já fez mais de 1.100 vítimas fatais, com 4.500 feridos, em apenas dois dias.

'LONGA E DIFÍCIL GUERRA'

Mas este parece ser só o início de um conflito sangrento, após o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, prometer um contra-ataque "com todas as forças" à Faixa de Gaza, que deixará os locais relacionados ao Hamas — incluindo a infraestrutura civil — "em ruínas". Em comunicado ontem, ele alertou para "uma longa e difícil guerra" à frente, afirmando que as forças israelenses estavam, entrando "em uma fase ofensiva, que vai continuar

sem limitações ou descanso até que os objetivos sejam alcançados".

Ontem, das 22 localidades invadidas por entre 200 e 300 combatentes do Hamas no sábado, os combates continuavam em sete. A Marinha de Israel disse ter destruído cinco embarcações do grupo extremista que tentaram desembarcar combatentes durante a madrugada.

ESTUDANTES MORTOS

Entre os mais de 1.100 mortos contabilizados até agora dos dois lados, 260 estavam em um festival de música eletrônica em Israel perto da Faixa de Gaza atacado no sábado pelos militantes do Hamas. Ao menos três brasileiros que participavam da rave estão desaparecidos. Um grupo de 11 estudantes de agricultura nepaleses que fazia um intercâmbio em um kibutz também foram assassinados. Os 700 mortos contabilizados no lado israelense até agora correspondem a mais da metade das vítimas fatais que o país registrou durante a Segunda Intifada, entre 2000 e 2005.

A liberação de áreas e comunidades que estavam sob controle dos militantes do Hamas revelou cenas impactantes de corpos espalhados por campos, ruas e rodovias, com muitas pessoas assassinadas em suas próprias casas. Em alguns casos, como em Nir Oz, os militantes do Hamas puseram fogo em casas para obrigar as pessoas a saírem dos esconderijos, sequestrando-as ou assassinando-as em seguida. Com isso, número de mortos em Israel deve subir, alertaram as autoridades.



Carnificina. Policiais carregam um corpo encontrado em um carro perto de Sderot; mortos em Israel já chegam a 700

SARAF QO/ANWOLU AGENCY VIA GETTY IMAGES



Preparativos. Blindados israelenses rumam para a fronteira com Gaza



"(Israel está entrando) em uma fase ofensiva, que vai continuar sem limitações ou descanso até que os objetivos sejam alcançados"

Benjamin Netanyahu, premier israelense

— Provavelmente serão mais, centenas, várias centenas mais — disse o ministro de Assuntos Estratégicos, Ron Dermer, à rede CNN.

O governo de Israel instou a população palestina a deixar suas casas dentro de 24 horas e iniciar uma operação para retirar os israelenses que residem em 24 localidades nos arredores da região, enquanto

forças militares se acumulam na fronteira à espera da ordem de invasão. Segundo o jornal americano Washington Post, fontes do governo Biden esperam o início da incursão por terra até amanhã.

A existência de 130 civis e militares israelenses mantidos como reféns em Gaza, no entanto, pode complicar as operações. O grupo Jihad Islâm-

ica, aliado ao Hamas, disse que 30 reféns estão em seu poder. Um alto funcionário do Hamas disse que o objetivo da captura de reféns é trocá-los pelos prisioneiros palestinos nas cadeias israelenses.

— Queremos respostas — disse um israelense que se identificou apenas como Ori ao Haaretz e cujas duas filhas foram sequestradas. — Estamos há quase 48 horas desde

que tudo começou e algumas famílias não sabem de nada.

Sob ataques e temendo a invasão, cerca de 123 mil palestinos já fugiram de casa, segundo a ONU, buscando áreas que consideram mais seguras no diminuto enclave de apenas 365 quilômetros quadrados, mais de 20 mil buscaram refúgio nas escolas da Agência da ONU para Refugiados Palestinos (UNRWA), que, no entanto, informou ontem que três delas foram atingidas.

Até o momento, mais de 800 alvos foram destruídos, informou um porta-voz das Forças Armadas de Israel, acrescentando que "foram mortos centenas, feridos milhares e capturados dezenas de combatentes do Hamas" nas operações. Cerca de 50 caças da Força Aérea de Israel foram usados nas operações.

Na noite de sábado, o ministro da Energia israelense, Israel Katz, afirmou que o fornecimento de eletricidade na Faixa de Gaza seria cortado. De acordo com a correspondente da rede al-Jazeera, o território está sob brevíssimo tempo com apenas quatro horas de energia a cada 12 horas, uma vez que dois terços da energia de Gaza vêm de Israel.

Segundo o diretor do Hospital al-Shifa, o maior território, Mohamed Abu Silmiya, o corte de energia tornou a situação ainda mais alarmante, prejudicando o tratamento do enorme fluxo de feridos que estão chegando ao local — que só está operando ainda devido a geradores extras.

— Estamos fazendo o que podemos com o que temos, mas estamos enfrentando uma ameaça real, especialmente porque a energia foi cortada. Não podemos nos dar ao luxo de continuar operando dessa forma — disse Abu Silmiya à al-Jazeera.

DISPAROS DO HEZBOLLAH

Ontem, o grupo xiita libanês Hezbollah lançou uma série de mísseis e fez disparos de artilharia contra três pontos nas Fazendas de Shebaa, disputada região na fronteira entre Líbano e Israel. Não foram relatadas vítimas. O líder do grupo armado, Hashem Safi al-Din, responsabilizou os EUA e Israel pelo ataque, descrito como uma demonstração de "solidariedade" ao povo palestino. Em antecipação a uma possível escalada na região, o ministro da Defesa de Israel, Yoav Galant, ordenou a preparação para a evacuação das comunidades localizadas próximo da fronteira com Líbano.

Na Cisjordânia, onde sete pessoas foram mortas no fim de semana em confronto com as forças de Israel, segundo as autoridades, os palestinos decretaram uma greve geral, enquanto os militares israelenses fechavam as principais rodovias que dão acesso ao território.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 21